

Apreciação sobre a situação do Kosovo*

Márcio Bonifácio Moraes**

Introdução

O presente trabalho tem o propósito de apresentar um quadro estratégico sobre a questão do Kosovo. Torna-se complexo estabelecer uma linha de tempo que bem defina quando se inicia a questão e que permita ao leitor um perfeito entendimento do tema.

Assim, para dar uma maior amplitude e abrangência ao assunto, foi adotada a seguinte sistemática para a elaboração desta Apreciação.

Inicialmente, serão apresentados alguns aspectos fisiográficos dos Balcãs. Sequencialmente, será elaborada uma síntese histórica da região dos Balcãs, onde se insere o Kosovo. Posteriormente, serão abordados aspectos referentes ao período de governo do Marechal Tito, ocasião considerada de grande importância para todos aqueles que se dedicam ao estudo do tema Kosovo, pois foi durante esse período que ele recebeu sua autonomia. Em sequência será feita breve abordagem sobre as causas da desintegração da Iugoslávia e suas repercussões. Finalmente, à guisa de conclusão, serão abordados alguns aspectos referentes à independência do Kosovo e mostrados os futuros e possíveis desdobramentos da questão.

Aspectos fisiográficos dos Balcãs

A Península Balcânica é situada mais ao leste das três penínsulas europeias banhadas

pelo Mar Mediterrâneo. Enquanto as da Itália e da Espanha são separadas do continente europeu por cadeias de montanhas — a Itália pelos Alpes e a Espanha pelos Pirineus —, a Península Balcânica, ao norte, não possui uma barreira natural bem definida. Para fins geográficos e de estudo, ela pode ser delimitada, fisicamente, pelos rios Danúbio e Drava.

São considerados balcânicos os povos da Albânia, da Bósnia-Herzegovina, da Bulgária, da Croácia, da Eslovênia, da Grécia, da Macedônia, do Montenegro e da Sérvia.

A região dos Balcãs caracteriza-se por ser montanhosa. A maior parte de seu território situa-se, pelo menos, a 500 metros acima do nível do mar. Enquanto os Alpes Julianos chegam até a Eslovênia e os Alpes Balcânicos dominam a região da Macedônia e da Sérvia Central, são os Alpes Dináricos e as montanhas adjacentes que predominam no relevo da Bósnia-Herzegovina, do Montenegro e do sul da Croácia (Dalmácia). Os Dináricos são formados por rochas calcárias que absorvem a maior parte das chuvas, mantendo o solo seco e árido para o cultivo. Entretanto os canais subterrâneos existentes nesse tipo de rocha acumulam água, permitindo a perenidade dos rios que sustentam as pastagens durante os meses de verão.

O lado nordeste dos Alpes Dináricos, que abrange parte da Bósnia e da Sérvia Ocidental,

* Colaboração do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — IGHMB.

** O autor é Capitão-de-Mar-e-Guerra e membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

e a totalidade dos Alpes Balcânicos são constituídos de rochas cristalinas. Elas retêm água em sua superfície, oferecendo maiores chances para a agricultura, particularmente nos altiplanos e vales próximos aos rios Sava e Morava.

Os Montes Cárpatos, embora não façam parte do relevo da Região Balcânica, exercem uma importância fundamental em seu clima. Eles formam um escudo protetor da Grande Planície Húngara, impedindo a chegada, no inverno, dos ventos polares que passam pelas estepes russas.

Outro aspecto importante é que, em razão do relevo acidentado de toda a região dos Balcãs, com poucas passagens naturais, ocorreu uma tendência dos povos que viriam habitar essa região de se manterem isolados um dos outros.

Definidas como terras baixas, que são as de altitude média de 300 metros acima do nível do mar, elas compreendem o norte dos Balcãs, fazendo parte da denominada Grande Planície Húngara (Panônia). Elas se concentram ao norte da Eslovênia, da Croácia e da Sérvia. São terras muito férteis e propícias à agricultura.

Com referência aos seus limites geográficos, a antiga Iugoslávia possuía 255.804 quilômetros quadrados de fronteiras distribuídas da seguinte forma: ao norte, com a Itália, Áustria e Hungria; a leste, com a Romênia e Bulgária; ao sul, com a Grécia e a Albânia; e a oeste, com a Itália, dividindo o Mar Adriático.

Quanto à hidrografia, o Danúbio é, sem dúvida, o mais importante rio da Região Balcânica. Com 2.850 quilômetros de extensão, ele nasce na Alemanha (Floresta Negra), cruza a Áustria, a Hungria, a Eslováquia, a ex-Iugoslávia, a Romênia e a Bulgária e deságua no Mar Negro, sob a forma de um grande delta. Esse rio possui importância estratégica

para a área, pois é a sua principal hidrovia. Durante a guerra civil ocorrida no período de 1992 a 1995 e no conflito de 1999, o Danúbio teve o seu tráfego de embarcações interrompido.

Outro importante rio é o Sava, que nasce nos Alpes Julianos e atua como divisor entre os territórios da Croácia e da Bósnia-Herzegovina. É o maior rio, em extensão, dentro do território da ex-Iugoslávia. Seus principais afluentes são os rios Una, o Bosna e o Vrbas, que nascem nos Alpes Dináricos. O Sava deságua no Rio Danúbio, próximo a Belgrado.

O Rio Drava nasce nos Alpes Julianos, cruzando a Eslovênia, a Croácia, onde delimita a fronteira com a Hungria, desaguardo no Rio Danúbio.

O Rio Morava, formado pelo Zapadna Morava (Morava do Oeste) e pelo Južna Morava (Morava do Sul), conecta o interior da Sérvia ao Rio Danúbio. Não é utilizado como hidrovia, pois seu curso é acidentado.

O Rio Vardar nasce ao oeste da Macedônia, desaguardo no Adriático, próximo à cidade de Tessalônica. É navegável apenas em território grego.

Finalmente, cabe mencionar o Rio Ibar, que nasce ao sul da Sérvia, percorrendo a região do Kosovo e encontrando o Rio Zapadna Morava.

A região dos Balcãs se estende, aproximadamente, entre os paralelos de 36° até 45° de Latitude Norte, que define o seu clima como de zona temperada. A região continental se caracteriza por ter verões quentes e os invernos bastante rigorosos e com neve. Na região costeira, o clima é mediterrâneo com verões quentes e secos e invernos fracos e chuvosos.

Sob o aspecto demográfico, o último censo realizado em 1991, na ex-República da Iugoslávia, mostrava um total de cerca de 24 mi-

lhões de habitantes, divididos pelas seis repúblicas, de acordo com o quadro abaixo:

Quanto aos grupos étnicos existentes no país, estavam divididos da seguinte forma: sérvios, 36,30%; croatas, 19,75%; eslovenos, 7,82%; macedônios, 5,97%; montenegrinos, 2,58%; albaneses, 7,72%; muçulmanos, 8,92; iugoslavos, 5,44%; e outros, 5,51%.

O Kosovo possui 10.400 quilômetros quadrados e uma população de 2.200.000 habitantes. Noventa por cento são de albaneses e 10% de sérvios, muçulmanos, montenegrinos e outros.

Cabem aqui as seguintes considerações: a ideia da palavra “*muçulmano*” está diretamente ligada à religião. Entretanto, no caso da Iugoslávia, pela Constituição de 1963, foi introduzido o conceito étnico de que todos aqueles que praticavam o islamismo poderiam considerar-se de nacionalidade muçulmana. Esse fato ocorreu, especialmente, na Bósnia-Herzegovina e na região do Sandžak, na Sérvia.

- Eslovênia: católicos romanos, 94%; ortodoxos, 2%; muçulmanos, 1%; e outros, 1%;
- Macedônia: ortodoxos, 59%; muçulmanos, 26%; católicos romanos, 4%; e outros, 11%;
- Sérvia e Montenegro: ortodoxos, 65%; muçulmanos, 19%; católicos romanos, 4%; e outros, 12%.

Síntese histórica dos Bálcãs

Ao final do século V e no início do século VI, algumas tribos eslavas migraram para a região dos Bálcãs, instalando-se às margens do Rio Danúbio. Podem ser distinguidos como quatro diferentes grupos: o ramo que iria dar origem aos croatas estabeleceu-se na região de Ilíria; os eslovenos ocuparam o norte da costa do Mar Adriático e contrafortes dos Alpes Julianos; os sérvios se assentaram em uma vasta área no centro da Península;

República	Extensão	População	Capital	População
Sérvia	88.361km ²	9.776.040	Belgrado	1.470.000
Croácia	56.538km ²	4.763.941	Zagreb	880.000
Bósnia-Herzegovina	51.129km ²	4.365.639	Sarajevo	450.000
Macedônia	25.713km ²	2.088.951	Skopje	550.000
Eslovênia	20.251km ²	1.974.839	Ljubljana	350.000
Montenegro	13.812km ²	632.568	Podgorica	135.000

Dados demográficos da ex-República Federativa da Iugoslávia (censo de 1991)
 Fonte: Yugoslavia. *The former and the future*. UNRISD. Márcio Bonifácio Moraes
 Id. em Dest., Rio de Janeiro, (27) : 39-57, maio/ago. 2008

De acordo com o censo realizado em 1991, existiam as seguintes religiões:

- Bósnia-Herzegovina: muçulmanos, 40%; ortodoxos, 31%; e católicos romanos, 15%;
- Croácia: católicos romanos, 76,5%; ortodoxos, 11%; muçulmanos, 1,2%; protestantes, 1,4%; e outros, 11%;

la; e os búlgaros se fixaram na parte sudeste dos Bálcãs.

Entre os séculos VII e IX foram formados os Estados feudais da Panônia, da Macedônia, de Hum ou Zahumlje (atual região da Herzegovina), da Dalmácia, da Travúnia (sul da Herzegovina e da Dalmácia), da Pagânia ou

Neretva (Dalmácia Central), de Zeta (denominada, inicialmente, de Duklja ou Dioclea e, atualmente, Montenegro) e de Raška ou Ráschia, região onde se insere a região do Kosovo e que é conhecida como Stara Srbija ou Antiga Sérvia.

No século VII, os sérvios instalaram-se entre os rios Drina e Ibar. Desejosos de obter uma saída para o mar e aproveitando-se da fraqueza demonstrada pelos bizantinos, passaram a utilizar suas rotas de carga através das terras de Zeta.

Nos séculos VIII e IX, ocorreu a conversão dos eslavos ao cristianismo. Os croatas e eslovenos foram cristianizados por missionários católicos romanos de Aquileia, adotando o alfabeto latino. Os sérvios, os macedônios e os búlgaros foram cristianizados por missionários ortodoxos gregos, passando a utilizar o alfabeto cirílico.

Na metade do século IX, o Príncipe Trpimir foi considerado o primeiro governante independente da Croácia que, a essa época, não incluía os territórios da Eslavônia e da Dalmácia. Na primeira metade do século X, o Rei Tomislav I fundou o Estado medieval da Croácia, e, no século XI, os croatas expandiram seus domínios até a Dalmácia, interrompendo suas relações com Bizâncio e com a Igreja Ortodoxa.

No início do século XII, a Croácia perdeu a sua independência em favor da dinastia húngara de Koloman, fato que perduraria até o fim do Império Austro-Húngaro.

Os eslovenos, no ano de 623, passaram a viver em união com outras tribos eslavas em um Estado feudal de nome Caríntia e sob a liderança do Príncipe Samo. Após a sua morte, a Caríntia sobreviveu independente até o ano de 745, quando passou a ser dominada pelos bávaros. Os eslovenos só tiveram restau-

rada a sua soberania territorial após o desmembramento da Iugoslávia. Eles falam um idioma distinto dos sérvios e dos croatas.

Na Sérvia, um *župan* de nome Stefan Nemanjić, que passou a dominar a região de Raška (Kosovo) e, a despeito da reação dos bizantinos, fundou um Estado Independente em 1180. A cidade de Prizren transformou-se no centro desse Estado. Rapidamente, foram incorporados à Raška o Estado de Zeta até a parte da região costeira entre a Baía de Kotor e Dubrovnik. Em 1196, após o falecimento de Nemanja, assumiu o trono seu filho Stefan, que se tornou oficialmente o primeiro rei sérvio, com o reconhecimento de Constantinopla.

Um dos filhos de Nemanja, posteriormente canonizado como Santo Sava, foi um dos articuladores da formação da Igreja Ortodoxa sérvia, ocorrida em 1219. Ela passou a observar o ritual da Igreja Ortodoxa grega e a liturgia eslava. A cidade de Peć, situada no Kosovo, transformou-se na sede do primeiro episcopado ortodoxo sérvio.

Em 1331, chegou ao poder o mais famoso dos reis sérvios, chamado Stefan Dušan. Em suas conquistas, ele praticamente duplicou as dimensões do território sérvio, chegando até o sul da Grécia. Em 1346, na cidade de Skopje, hoje capital da Macedônia, Dušan foi coroado o Czar dos Sérvios e dos Gregos. Entretanto, em 1355, Dušan veio a falecer durante uma batalha travada contra os bizantinos.

A conquista otomana recebeu um novo impulso sob o reinado de Murad I (1359-89), filho e sucessor de Orkhan. No continente europeu, a expansão turca foi facilitada pelas desavenças entre os príncipes cristãos bizantinos e os sérvios. Assim, em 1361, os otomanos ocupam as cidades de Filipópolis e Adrianópolis. Prosseguindo na expansão de seus

domínios, Murad ocupou a Trácia e transferiu sua capital de Bursa para Adrianópolis (1364).

Em 1371, prosseguindo na direção norte, o Sultão Murad entrou em contato, pela primeira vez, com os sérvios. E foi o senhor feudal sérvio de nome Uglješa Mrnjavčević, déspota da localidade de Serre, que entendeu o perigo que representava essa expansão dos turcos. Em setembro do mesmo ano, um exército composto por sérvios, húngaros e valáquios, liderados por Uglješa, foi emboscado quando tentava cruzar o Rio Maritza. A batalha foi violenta, e todos os comandantes militares sérvios foram mortos, inclusive Uglješa, junto com a metade de suas tropas, e os otomanos se sagraram vencedores. Esse fato deu início à expansão otomana na Europa.

Assim, os sérvios, os bizantinos e os búlgaros passaram à condição de vassalos dos otomanos, precisando recolher taxas e fornecer efetivos militares para os seus novos senhores.

É importante frisar que a expansão dos otomanos se deu, inicialmente, para noroeste, pois eles temiam um contato com os mongóis, que dominavam a Ásia Oriental.

Um fato marcante ocorreu no ano de 1389. No dia 28 de junho, foi travada, na região de Kosovo Polje, uma batalha que colocaria fim ao Estado medieval sérvio. Combatentes sérvios, comandados pelo Príncipe Lazar, posteriormente canonizado pela Igreja Ortodoxa sérvia, deu combate aos guerreiros otomanos chefiados pelo Sultão Murad I. Logo de início, os sérvios, que se faziam acompanhar de bósnios, valáquios e albaneses, levaram certa vantagem nos combates, mas o Príncipe Lazar, bem como o Sultão Murad foram mortos, e a vitória final coube aos otomanos. Em lugar do Sultão Murad assumiu seu filho Bayezid (1389-1402). A Batalha do Kosovo deu ensejo a um grande êxodo de

sérvios para o norte dos Balcãs e marcou o fim do domínio sérvio na região. A região do Kosovo foi incorporada ao Império Otomano e só seria retomada pelos sérvios após o término da Primeira Guerra Mundial.

Ao final da Primeira Guerra Mundial, o Príncipe Aleksandar Karadjordjević foi proclamado regente por seu pai, o Rei Petar I (1918-21). Em 1º de dezembro de 1918, foi criado o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (*Kraljevina Srba, Hrvata i Slovenaca*). Ele foi formado pelos antigos reinos da Sérvia, de Montenegro e por substancial parte do território originalmente pertencente ao Império Austro-Húngaro.

Em 6 de janeiro de 1929, Aleksandar revogou a Constituição, dissolveu o Parlamento e decretou uma série de novas leis. Uma delas mudava o nome do país para Reino da Iugoslávia.

A Iugoslávia de Tito

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, surgiu um movimento de resistência contra a ocupação das forças do Eixo nos Balcãs. Ele passou a se denominar movimento *Partisan*. De orientação comunista, o seu chefe máximo foi Josip Broz, codinome "*Tito*". Ao término da guerra, esse movimento sagrou-se vitorioso e assumiu o poder na Iugoslávia. Em 11 de novembro de 1945, foi realizada uma eleição para a formação de uma Assembleia Constituinte. Em 29 do mesmo mês, durante a sua primeira sessão, a Assembleia aprovou uma declaração abolindo a monarquia e proclamando a República Federativa Popular da Iugoslávia (*Federativna Narodna Republika Jugoslavija — FNRJ*). Conforme planejado anteriormente, ela foi formada por seis repúblicas: Sérvia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Eslovênia, Macedônia, Montenegro e

duas províncias autônomas (Vojvodina e Kosovo), como parte integrante da República da Sérvia. Tito foi eleito primeiro-ministro.

O idioma oficial do país passou a ser o servo-croata. Em 31 de janeiro de 1946, foi promulgada a nova Constituição da Iugoslávia. Ela guardava muitas semelhanças com a Constituição soviética promulgada em 1936, durante o período de Stalin. Assim, o país ingressou em uma era de comunismo rígido e ortodoxo, nos moldes do regime soviético.

Nesse ponto, cabe uma breve explicação: dentro dessa nova concepção, surgiu um conceito de uma sociedade multiétnica, muito similar ao que também ocorria na União Soviética (dividir povos para melhor governar). Assim, cidadãos nascidos na Iugoslávia poderiam optar pela nacionalidade de origem de seus ancestrais (sérvios, croatas, eslovenos, bósnios, albaneses, húngaros, macedônios e outros). Poderiam ainda optar por serem iugoslavos — filhos oriundos de casamentos entre membros de diferentes etnias. Esse conceito, de difícil entendimento, e que não é aplicado na maioria dos países (Brasil, Estados Unidos e outros), transformou a Iugoslávia em um grande mosaico de etnias e foi um dos fatores fundamentais que contribuiu, posteriormente, para sua desintegração. Retomando a narrativa, Tito, ao sagrar-se vitorioso na campanha dos Bálcãs, praticamente sem a ajuda do Exército Vermelho, emergiu como um novo líder regional, fato que começou a desagradar os soviéticos.

Contrariamente aos demais países do Leste Europeu, a Iugoslávia não possuía tropas russas estacionadas em seu território, o que contribuiu para que se mantivesse independente do bloco que se formava.

O desgaste entre Tito e Stalin atingiu o seu clímax quando a Iugoslávia propôs um

pacto com os governos comunistas da Bulgária e da Albânia, para que se unissem sob a forma de uma federação.

No dia 28 de junho de 1948, o *Kominform* 17, reunido em Bucareste, condenou a atitude de Tito, não admitindo as atitudes independentes que estavam sendo adotadas pela Iugoslávia, e expulsou-a da organização. Em uma nota dirigida ao país, a URSS considerou a Iugoslávia como inimiga, postura também adotada pelos demais membros do grupo.

Embora tenha ficado isolada do bloco soviético, o incidente deu a Tito o apoio popular no país e abriu caminho para a sua aproximação com o Ocidente.

Em 1953, foram realizadas emendas na Constituição, e o Marechal Tito foi eleito Presidente da República. O falecimento de Stalin marcou uma nova etapa na Política Externa iugoslava, tendo sido iniciada uma reaproximação com a União Soviética. Conhecedor de sua importância estratégica no contexto geopolítico da Guerra Fria, Tito também conseguiu uma aproximação com o bloco ocidental, transformando o país em um “Estado Pivô” entre o Ocidente e o bloco soviético.

Em 1956, Tito reuniu-se com o Presidente egípcio Gamal Abdel Nasser e o Primeiro-Ministro da Índia Jawaharlal Nehru, na Ilha de Brioni. Nesse encontro, os três países assinaram uma declaração fundando a Liga dos Países não Alinhados. O compromisso era o de manter a coexistência pacífica entre as nações, de trabalhar pelo desarmamento e pelo fim dos blocos de poder. Após incentivar a entrada de outros países para o movimento, Tito patrocinou o primeiro encontro formal entre eles.

Em outubro de 1947, os comunistas criaram uma organização internacional cujo nome era Bureau Comunista de Informações (Informbureau), conhecido no Ocidente como

Kominform. Ele substituiu o *Komintern*, extinto durante a Segunda Guerra Mundial. Era integrado pelos seguintes países: União Soviética, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária e Romênia.

Em 1963, entrou em vigor uma nova Constituição, e o país passou a se chamar República Federativa Socialista da Iugoslávia (*Socialistička Federativna Republika Jugoslavija* — SFRJ). Essa Constituição recebeu emendas em 1967, 1968, 1971 e 1973, aumentando a descentralização da Federação e os poderes das seis repúblicas e das províncias autônomas (Kosovo e Vojvodina).

Em 21 de fevereiro de 1974, foi promulgada, finalmente, a mais polêmica das constituições iugoslavas. Era composta por 406 artigos. Complexa e confusa, em razão de sua abrangência, foi praticamente impossível sua tradução para outro idioma. Os direitos das repúblicas e províncias foram reforçados mais uma vez, sendo criada a figura do presidente de cada unidade federativa (seis repúblicas e duas províncias autônomas). Tito foi eleito Presidente vitalício da Iugoslávia. Em razão de sua idade, ele já não tinha uma participação ativa no cenário político.

A crise do petróleo que atingiu o mundo causou um choque na economia iugoslava, pois o país já possuía um grande déficit orçamentário.

Em 5 de maio de 1980, com 88 anos de idade, morreu na Eslovênia o Marechal Tito, colocando fim a uma era.

A desintegração da Iugoslávia

Com a morte de Tito, o país passou a ser governado por um presidente eleito pelos representantes de cada república e das províncias autônomas, seguindo um critério de rotatividade. Todas as decisões deveriam ser

aprovadas por esse conselho, por unanimidade. O fato gerou mais perturbações, na já desgastada e burocratizada máquina administrativa do governo.

Em 1985, com a chegada de Mikhail Gorbachev ao poder, teve início na União Soviética um movimento que defendia a necessidade de uma distensão com o Ocidente e introduzia profundas reformas políticas e econômicas na então União Soviética. Esse processo influenciou politicamente os países do Leste Europeu e desestabilizou a Região Balcânica. Na Sérvia, a mais importante e populosa das repúblicas iugoslavas, a mudança ocorreu justamente no sentido oposto, tendo como um dos responsáveis Slobodan Milošević, Presidente da Liga dos Comunistas.

*Milošević é natural da cidade de Požarevac. Era antigo membro do Partido Comunista Iugoslavo. Seguiu uma carreira burocrática como diretor de um banco estatal. Em 1987, com o apoio do Exército Federal Iugoslavo (cuja maioria da oficialidade era de origem sérvia) e do aparelho comunista, ele assumiu o controle da televisão de Belgrado e do periódico *Politika*. Milošević agarrou-se à bandeira do nacionalismo sérvio, condenando a Política Econômica até então vigente e a divisão do país em repúblicas e províncias autônomas realizada por Tito. Apoiado em um memorando, de cunho nacionalista, elaborado pela Academia de Ciências de Belgrado, passou a propagar a união de todos em torno do plano de construir uma “Grande Sérvia”. Esse plano previa a retirada ou limitação da autonomia das províncias do Kosovo e da Vojvodina, centralizando todo o poder na República da Sérvia.*

Em outubro de 1988, durante uma visita à província autônoma da Vojvodina, forçou a demissão coletiva de seus dirigentes, substituindo-os por pessoas de sua confiança. Na Croácia,

eclodiram vários motins, conduzindo à exacerbação das tensões étnicas nas áreas rurais, onde viviam cerca de 200 mil sérvios (antiga fronteira militar entre austro-húngaros e otomanos; conhecida como Vojna Krajina).

Em meados de 1989, já não existiam entidades federais distintas como no tempo de Tito, mas um bloco sérvio homogêneo, controlado por Milošević. Ainda em 1989, a Croácia iniciou sua marcha para a independência. Surgiram os primeiros partidos: a União Democrática Croata (*Hrvatska Demokratska Zajednica* — HDZ), de orientação fascista, e o Partido Social-Liberal Croata.

Em Trepca, junto à cidade de Kosovska Mitrovica, no extremo norte do Kosovo, está instalado o maior centro mineiro da região e um dos mais importantes da Sérvia. Em 20 de fevereiro de 1989, cerca de 1.300 operários kosovares (denominação dada aos cidadãos de origem albanesa nascidos no Kosovo) da mina de carvão de Stari Trg entraram em greve, realizando a sua ocupação. Os mineiros alegavam, inicialmente, falta de segurança nos poços. Com a continuidade do movimento, as reivindicações se transformaram em protesto político, que exigia reformas constitucionais e mais autonomia para o Kosovo. Iniciou-se, assim, uma crise entre as lideranças sindicais e Belgrado. Os dirigentes da mina foram detidos sob acusação de cumplicidade com os grevistas. A agitação albanesa regressou às ruas de Prístina, e novos conflitos ocorreram, exigindo a ação enérgica de forças federais para pôr fim à desordem. Estava deflagrado o processo que iria culminar com o início dos debates na Assembleia Federal, visando promover uma emenda constitucional que retiraria do Kosovo o *status* de província autônoma.

Em 28 de junho de 1989, em um evento comemorativo dos 600 anos da Batalha do

Kosovo, em Prístina, Slobodan Milošević fez um discurso político de fundo nacionalista, exaltando a presença sérvia na região, fato que exacerbou ainda mais as diferenças entre sérvios e kosovares.

Em 20 de janeiro de 1990, durante um congresso da Liga dos Comunistas Iugoslavos, os representantes da Eslovênia apresentaram uma proposição que outorgava independência plena aos partidos comunistas de cada república. O texto foi rejeitado pelos sérvios, provocando o desligamento das delegações da Eslovênia e da Croácia.

Finalmente, em junho de 1990, a tensão atingiria o seu limite máximo. A Assembleia de Belgrado aprovou a nova Constituição, retirando a autonomia do Kosovo e da Vojvodina.

Na região da Vojvodina (cerca de 2.000.000 de habitantes) não ocorreram protestos, pois a região é povoada por cerca de 1.100.000 sérvios (54,4%), que constituem maioria étnica, em oposição a 380.000 húngaros (18,9%) e outras minorias (eslovacos, romenos, ucranianos e rutenos). Entretanto, na região do Kosovo (à época com cerca de 1.700.000 habitantes), cuja maioria étnica é de albaneses e, segundo pesquisas realizadas em 1991, o percentual havia chegado a 85% contra 15% de sérvios, eclodiram novos movimentos de descontentamento.

Ao longo do ano, atuando como entidades separadas, todas as repúblicas realizaram, pela primeira vez desde 1927, eleições livres. Na Croácia, sagraram-se vitoriosos os nacionalistas do HDZ, liderados por Franjo Tudman. Na Eslovênia foi eleito o comunista Milan Kučan; na Bósnia-Herzegovina, os três partidos nacionais mantiveram sua coligação elegendo o muçulmano Alija Izetbegović. Na Macêdonia, venceu o Partido Comunista representado por Kiro Gligorov. Na Sérvia e no

Montenegro, os vencedores foram os comunistas Slobodan Milošević e Momir Bulatović, respectivamente.

O desmembramento da Liga dos Comunistas Iugoslavos (LCI) e os diferentes rumos dos processos eleitorais deixaram a Iugoslávia politicamente dividida e à beira de uma guerra civil. Ainda sobreviviam três instituições federais: a Presidência, o governo e as Forças Armadas.

A Presidência, integrada por um representante de cada república, já não se reunia mais em Belgrado. O governo federal era um organismo quase impotente. As Forças Armadas, instituição que continuava ativa e que teria sido capaz de evitar a desintegração da República, se manteve fora da questão.

Em novembro de 1990, os governos da Eslovênia e da Croácia adotaram medidas para colocar sob controle as respectivas forças de defesa territoriais. A iniciativa recebeu a desaprovação do Alto-Comando do Exército Federal Iugoslavo.

No mês de julho de 1991, o governo da Croácia já havia perdido totalmente o controle sobre a área de Knin (situada no Sul do país), a qual passou a ser dominada pelos sérvios que habitavam a região.

Em 15 de maio de 1991, expirou o mandato do sérvio Borislav Jović, na Presidência da Iugoslávia. De acordo com a rotação de cúpula, prevista anteriormente por Tito, um croata deveria assumir o cargo.

Neste caso, a vez cabia a Stipe Mesić, membro destacado do HDZ croata e pessoa ligada a Franjo Tudman. Os quatro representantes do bloco sérvio (Sérvia, Montenegro, Vojvodina e Kosovo) votaram contra Mesić, ao contrário da Croácia, da Eslovênia, da Macedônia e da Bósnia. O empate bloqueou o sistema, ficando a Iugoslávia sem chefe de Estado.

A 25 de julho de 1991, a Croácia e a Eslovênia declararam-se independentes, iniciando-se, assim, a guerra civil. Em setembro, um *referendum* proclamou a “República do Kosovo”. Foi formado um Parlamento clandestino e Ibrahim Rugova, poeta, declarado Presidente. Todavia o governo permaneceu em exílio na Alemanha e sem o reconhecimento da comunidade internacional.

O governo da Iugoslávia tentou sufocar o movimento separatista enviando forças federais. Os objetivos eram manter a unidade territorial e proteger os sérvios que habitavam algumas regiões da Croácia. A luta na Eslovênia durou cerca de duas semanas e terminou com a retirada das forças federais. Entretanto, na Croácia, várias regiões foram ocupadas por forças sérvias. Foi, assim, materializada a criação da República Autônoma dos Sérvios na Krajina (RSK), cuja capital passou a ser a cidade de Knin.

No início de 1992, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) reconheceu a independência da Croácia e da Eslovênia (15 de janeiro) e da Bósnia (6 de abril).

Em 27 de abril de 1992, foi formada a nova República Federativa da Iugoslávia, composta, agora, pela Sérvia e pelo Montenegro.

Os seguintes fatores teriam contribuído para a desintegração da República da Iugoslávia:

- Estagnação econômica provocada pela não modernização do sistema;
- Desigualdades regionais;
- Ausência de uma liderança nacional capaz de ocupar a posição do Marechal Tito;
- Envelhecimento do modelo político;
- Lideranças políticas baseadas nas diferenças culturais (ideologia x etnia e ateísmo x religião);
- Desintegração da União Soviética e fim da Guerra Fria; e
- Ressurgimento dos nacionalismos.

**Aspectos referentes
à Independência do Kosovo**

No contexto histórico, Kosovo sempre foi parte integrante do território da Sérvia, reconhecido oficialmente pela ONU e pela comunidade internacional. Entretanto, com o passar dos séculos e em razão da ocupação otomana, os sérvios foram, paulatinamente, deixando essa região e migrando para o norte, como anteriormente mencionado.

Em termos geopolíticos, o vazio deixado pelos sérvios fez com que os albaneses, em razão da pressão demográfica e em busca de melhores condições de vida, cruzassem as fronteiras penetrando em territórios vizinhos, tais como a Grécia, a Macedônia, o Montenegro e a Sérvia.

Após a desintegração da Iugoslávia, mais precisamente a partir de 1997, passou a atuar de forma intensa na região do Kosovo um movimento guerrilheiro que se denominou “*Exército de Libertação do Kosovo*” (ELK). Com bases na fronteira da Albânia, tinha o propósito de criar Zonas Liberadas na região do Kosovo. Utilizava técnicas de guerrilha e intimidação contra a minoria sérvia.

Os recursos financeiros que suportavam as ações do ELK eram provenientes de:

- Narcotráfico (uma das maiores rotas de heroína passa exatamente nessa região);
- Recursos financeiros enviados por cerca de 500 mil albaneses que vivem na Europa e nos Estados Unidos;
- ONG e *lobbies* muçulmanos.

Faziam parte dessa organização:

- Ex-integrantes do antigo Exército Iugoslavo, de origem albanesa;
- Albaneses que lutaram no Exército croata durante a Guerra de Independência;
- Ex-membros do Exército albanês;

- Mercenários do Iêmen, do Afeganistão, da Arábia Saudita, da Bósnia, da Croácia, da Alemanha, do Reino Unido e de outros países.

Diante desse quadro, em 1998, o então Presidente da Sérvia, Slobodan Milošević, intensificou a presença militar sérvia na região, enviando forças federais (Exército e Polícia) para dar combate aos guerrilheiros do ELK, restaurar a ordem e manter a soberania sérvia no Kosovo. A comunidade internacional — entenda-se pelos Estados Unidos da América e por alguns países da União Européia — posicionou-se contra a Sérvia, alegando que o Exército e a Polícia estavam praticando “*limpeza étnica*” contra os kosovares. Ainda no mesmo ano, a Otan tomou a frente da situação e iniciou negociações com a Sérvia, para solucionar a crise. Estas se prolongaram até março de 1999, sem que as partes tivessem chegado a um acordo. Em 24 de março do mesmo ano, sem uma declaração formal de guerra e sem o aval do Conselho de Segurança da ONU, foram iniciados os ataques aéreos contra o território sérvio — bases militares e alvos civis. Esses só iriam cessar em 12 de junho do mesmo ano. A partir dessa data, a Sérvia perdeu o controle sobre o território do Kosovo, que passou a ser administrado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e ocupado militarmente por forças da Otan.

Passados nove anos, apesar dos esforços diplomáticos da Sérvia e diante de forte pressão dos Estados Unidos e de alguns países da União Europeia, em 17 de fevereiro de 2008, o Kosovo foi proclamado independente.

Nesse período, os Estados Unidos, em razão da nova ordem na Europa e considerando a política de expansão do seu eixo estratégico para o leste e para o sul, aproveita-

ram a oportunidade para intensificar a sua presença nos Balcãs.

No Kosovo foi construída a Base de Bondsteel, localizada em Urosevac, com cerca de 360.000 metros quadrados e com o efetivo de 4.000 homens.

A outra base é a de Camp Monteith, perto da região de Gnjilane, também no Kosovo. A Base de Bondsteel é utilizada como centro de detenção para prisioneiros oriundos do Afeganistão e Iraque.

A presença americana não se restringe ao Kosovo. Na Macedônia, ela se utiliza do polígono de exercícios para artilharia e carros de combate de Krivolak, com cerca de 250 quilômetros quadrados, considerado um dos maiores da Europa Ocidental. Na Bósnia-Herzegovina, mais precisamente na região da cidade de Tuzla, possui um complexo militar (aeródromo e facilidades) de grande porte conhecido como *Eagle Base (Lukovac Base, Comanche Base e Steel Base)*, também utilizado como campo de detenção de prisioneiros oriundos do Oriente Médio.

Quanto à questão política do Kosovo, após sua independência deve ser mencionado que o atual governo da Sérvia está dividido. Seu Presidente, Boris Tadic — democrata e cumprindo seu segundo mandato —, está tentando resolver a questão de maneira diplomática e compreende que a perda do Kosovo é um fato consumado. Seu objetivo maior é o de integrar o país na União Europeia, desejo esse de grande parte da população. Por outro lado, o atual Primeiro-Ministro, Vojislav Kostuniça (primeiro presidente eleito após a queda de Slobodan Milošević em 2001 e que também era democrata), vem se posicionando contra o Presidente Tadic e deseja postergar todas as tratativas para o ingresso da Sérvia na União Europeia. Como pon-

to básico, condiciona a questão da soberania da Sérvia sobre o Kosovo.

Slobodan Milošević deixou o poder em 2000, tendo sido levado para julgamento em Haia em 2001, onde deveria responder por crimes contra a Humanidade. Morreu em 11 de março de 2006, sem que o julgamento tivesse sido encerrado.

Quem está se aproveitando da situação é o atual líder do Partido Radical (nacionalista e de direita) Tomislav Nikolic. Ele deseja uma maior aproximação do país com a Rússia e não exclui a possibilidade de retaliações militares. Cabe ressaltar que, após o conflito de 1999, as Forças Armadas da Sérvia, assim como seu Serviço de Inteligência — outrora muito respeitados —, sofreram um forte abalo e estão mal armadas, desequipadas e desatualizadas. Qualquer aventura militar no sentido de retomar o Kosovo teria resultado desastroso.

Cabe ainda ressaltar que a União Europeia condiciona a entrada da Sérvia no bloco à questão da independência do Kosovo e à entrega, para julgamento no Tribunal de Haia, de alguns militares e políticos que teriam participado de crimes contra a Humanidade durante a guerra de independência.

Na verdade, todos os políticos sérvios entendem que a questão do Kosovo é um caminho sem volta e que dificilmente será resolvido em seu favor. Entretanto, nenhum deles é capaz de exprimir esse sentimento publicamente, pois não desejam ser, posteriormente, responsabilizados pela perda do território.

Por outro lado, o povo sérvio parece cansado de tantas guerras e intervenções externas e não deseja mais envolver-se em um novo conflito. O povo não possui qualquer ligação real com a região. Ela é apenas emocional e no imaginário do povo, uma vez que permanece viva a imagem da Batalha do Kosovo (1389), como um símbolo da resistência sérvia

contra os otomanos. Ademais, o Kosovo é o núcleo geo-histórico do país e foi o centro da Igreja Ortodoxa sérvia.

Atualmente, lá residem apenas entre 5% e 10% de sérvios centrados na região de Kosovska Mitroviça (cerca de 150 mil habitantes). As últimas manifestações ocorridas em Belgrado após a independência do Kosovo (17 de fevereiro) e que resultaram em atos de vandalismo contra diversas embaixadas, entre elas a americana, e outros estabelecimentos, não foram manifestações populares e sim atos orquestrados por membros do Partido Radical e praticados por minorias, sem qualquer apoio popular.

A despeito dos esforços da Sérvia de envolver a Rússia na questão, esta parece ser uma possibilidade remota, pois os russos, considerados como tradicionais aliados dos sérvios, já falharam em outras situações cruciais, tais como: o primeiro levante dos sérvios, em 1804, contra os otomanos; após o atentado em Sa-

rajevo, em 1914; durante a Segunda Guerra Mundial, quando somente em 1944 passaram a apoiar o movimento dos *partisans*; e, mais recentemente, nos bombardeios realizados pela Otan, em 1999. Assim, é difícil acreditar que os russos tomarão alguma medida concreta nessa questão, além de esforços na área diplomática.

Apesar do reconhecimento oficial do Kosovo como país por alguns países importantes da União Europeia (Alemanha, Reino Unido, França e outros) e pelos Estados Unidos, muitos outros países se mostram preocupados diante da situação. Outras regiões da Europa com acentuadas tendências separatistas, tais como os bascos e catalães na Espanha, os irlandeses, os escoceses, os belgas, os corsos e os chechenos, poderiam seguir o mesmo processo.

Finalizando, poderíamos dizer que, na história das guerras, territórios são ganhos e perdidos. Esse parece ser o final da questão do Kosovo.



Editorial 2009

Coleção General Benício

A GUERRA DA COREIA

Stanley Sandler

Livro de História Militar que apresenta os antecedentes, as razões e os diferentes procedimentos das forças americanas e norte-coreanas em cada uma das fases da guerra. Discorre, ainda, sobre as consequências daquele conflito para a doutrina militar dos EUA e para a história, após a segunda metade do século XX, com destaque para a condução das operações militares.